

# “ESCREVER SEM FIM”: ALGUNS COMENTÁRIOS

CECILIA ALMEIDA SALLES  
CENTRO DE ESTUDOS DE CRÍTICA GENÉTICA  
P U C / S P

**a** leitura do texto “Escrever sem fim”, que se propõe a fazer um estudo de *La Recherche du Temps Perdu* à luz do que R. Warning chama de crítica textual, levou-me a algumas reflexões. Estarei fazendo, aqui, alguns comentários no que diz respeito a dois aspectos do artigo: a especificidade do enfoque dos estudos genéticos e a opção pela abordagem semiótica.

Vale lembrar que esses comentários não dizem respeito ao interessante estudo sobre a obra proustiana que é apresentado pelo autor mas aos interstícios da abordagem teórica escolhida.

Uma das conseqüências da juventude da crítica genética é que aqueles que a ela se dedicam têm suas histórias marcadas pelo olhar direcionado à obra de arte. São críticos genéticos por escolha mas que estão inseridos na tradição da crítica literária, crítica de cinema ou das artes plásticas, para citar só alguns exemplos.

A crítica genética, como todos sabemos, trata-se de uma investigação da obra de arte a partir de sua construção. Seu objeto de estudo, assim, são os documentos deixados pelos artistas de seus processos criadores. Ao acompanhar a história da produção das obras, a questão que impulsiona esses estudos passa a ser o movimento criador e não a obra tal qual é entregue ao público.

O que se percebe é que embora algumas pesquisas tenham como objeto o material da crítica genética, apresentam proble-

mas no modo como esses documentos são explorados. O crítico pode trazer sua prática da observação do objeto na estaticidade de uma forma e, assim, deixar de focar o que há de mais específico da crítica genética que é a metamorfose. Como consequência, cada forma de passagem é analisada como se fosse isolada, chegando, por exemplo, a se valorar esteticamente uma em detrimento de outra posterior. Neste caso, deixa-se de perceber que o papel do crítico genético é de compreender como o projeto do artista vai se concretizando e, assim, chegar um pouco mais o próximo do desejo do artista (e não dos princípios estéticos do crítico).

Por outro lado, os hábitos ligados à tradição da crítica da obra fazem o pesquisador, em outros casos, não aproveitar o potencial dos documentos estudados. Como consequência, percebe-se que muitas das afirmações feitas pelo crítico não necessitaram desse material, isto é, poderiam ter sido feitas sem acesso ao percurso criador. O conhecimento do crítico sobre a obra e o autor estudados já o habilitam a tais conclusões. E assim a mobilidade do ato criador é deixada de lado.

É nesta segunda possibilidade de influência do crítico literário sobre a abordagem genética que localizo um dos focos de meus comentários sobre o texto de Rainier Warning.

Embora o conceito de metamorfose perpassasse por todo o texto, este não é levado às últimas consequências interpretativas. No entanto, uma perspectiva de estudo extremamente interessante é apontada quando o autor fala das transformações sofridas pelas metáforas: momento no qual o movimento dos rascunhos aparece com certo destaque.

Farei uso da questão da metamorfose como elo de ligação com o outro aspecto, relativo ao texto de Warning, sobre o qual gostaria de fazer algumas observações. O autor, ao afirmar que uma escritura sem fim, "se me permitem esse termo técnico" é um processo de semiose potencialmente infinito, adota, mesmo sem fazer referência direta, uma perspectiva semiótica (de linha peirceana). O conceito de semiose é tão central à semiótica quanto o de metamorfose contínua ao desenvolvimento do pensamento de Warning. A imagem da escritura de Proust como um processo sem fim encontra sua concretização na transformação infinita de formas.

O autor está, deste modo, tomando o processo de escritura de Proust como um processo sígnico, enfatizando a continuidade, mais especificamente, a progressão infinita. Acredito na importância desta aproximação entre ato criador e semiose para os estudos genéticos. Trata-se de uma abordagem absolutamente coerente com a mobilidade do percurso criativo. O crítico genético encontra nesta teoria instrumentos que o possibilita olhar teoricamente para o movimento geral do processo criativo.

Não vou fazer referência as outras características do processo sígnico que não estão sendo exploradas por Warning, na medida em que se sabe da necessidade que se tem de fazer recortes em pesquisas.

No entanto, gostaria de apontar para a generalidade dos instrumentos teóricos fornecidos pela semiótica: segundo o pensamento peirceano, em todo e qualquer processo sígnico a progressão é infinita. Como se trata de uma característica geral do processo não se pode localizar nesta questão a unicidade e singularidade de um escritor.

Falar em arte sob o ponto de vista de seu movimento criador é, portanto, mostrar que as obras consistem em uma cadeia infinita de agregação de idéias, isto é, na série infinita de aproximações para atingi-la, como também Italo Calvino<sup>1</sup> constata. A criação é assim observada no estado de contínua metamorfose cujos mecanismos responsáveis são adições, cortes, substituições e deslocamentos.

Neste ambiente teórico podemos falar que, como já discuti anteriormente, os manuscritos preservam uma estética em criação sob o ponto de vista do artista, que surge para o crítico genético como a estética do movimento criador. Discutir o processo de criação com o auxílio da semiótica peirceana é falar da estética do inacabado – põe, portanto, em questão o conceito de obra acabada, isto é, obra como uma forma final e definitiva<sup>2</sup>.

---

1. CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

2. Cf. SALLES, C. A. Crítica Genética in statu nascendi. Em *Manuscritica* 6, São Paulo: Annablume/APML, 1996.

É neste mesmo contexto teórico que passo a discutir aquilo que o autor chama de “conflito entre teleologia e metamorfose”. O que é importante de ser enfatizado é o aspecto conflituoso apontado por Warning.

Retomando a semiose, segundo Peirce o movimento do signo é um movimento falível com tendência, sustentado pela lógica da incerteza. Engloba a intervenção do acaso e abre espaço para o mecanismo de raciocínio responsável pela introdução de novas idéias. A própria idéia de criação é grávida de desenvolvimento, crescimento e vida conseqüentemente não há lugar para metas estabelecidas a priori e alcances mecânicos.

Como pode-se perceber essa visão de processo com tendência não envolve uma visão teleológica baseada em progresso linear<sup>3</sup> ou pré-determinação de fins. Talvez esteja, aqui, o momento em que Warning se afasta da teoria peirceana.

A tendência que é indefinida e vaga indica apenas um rumo. Trata-se de um condutor maleável — uma nebulosa que age como bússola. A vagueza da tendência gera o processo contínuo de busca de algo nunca plenamente atingido.

Falar do processo criador como um processo sígnico é, assim, inseri-lo em um ambiente de vagueza e incompletude que *naturalmente gera* a metamorfose. As diferentes formas são modos de luta diante daquilo que é sempre somente parcialmente alcançado. Não há, sob esse ponto de vista, qualquer tipo de conflito.

Os documentos de processo nos levam a constatar que o tecido do percurso criador é feito sim de relações de tensão, assim como se fosse sua musculatura. São pólos opostos de naturezas diversas que agem dialeticamente um sobre o outro, mantendo o processo em ação. No entanto, a relação tendência — metamorfose não apresenta, como acabou de ser discutido, esse aspecto tensivo.

O artigo de R. Warning aponta, mesmo que de forma indireta, para a relevância da acoplagem dos conceitos semióticos aos documentos de processo, que são estudados pelo crítico genético.

---

3. Cf. GRESILLON, A. *Eléments de Critique Génétique*. Paris: PUF, 1994.